

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL – UNIJUÍ**
DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES E EDUCAÇÃO – DHE
CURSO DE PSICOLOGIA

MYLENA WICHINHESKI MARQUESIN

A ANGÚSTIA NA INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA

**Ijuí,
2019**

MYLENA WICHINHESKI MARQUESIN

A ANGÚSTIA NA INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia do Departamento de Humanidades e Educação – DHE, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. M.^a Elisiane Felzke Schonardie

**Ijuí,
2019**

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ

Departamento de Humanidades e Educação – DHE

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia.

A ANGÚSTIA NA INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA

Elaborada por

MYLENA WICHINHESKI MARQUESIN

Como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia

Comissão Examinadora

Prof^a. M.^a Elisiane Felzke Schonardie (Orientadora) – DHE/UNIJUÍ

Prof^a. Dr.^a Lála Catarina Lenzi Nodari (Banca de Defesa) – DHE/UNIJUÍ

Ijuí, RS, Dezembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, que sempre esteve presente em todos os momentos de minha vida, inclusive durante o percurso de Graduação. Em especial à minha mãe Ivanice por me proporcionar que esse sonho fosse possível, não medindo esforços para isso; é difícil encontrar palavras que retratem o meu agradecimento por todo amor, dedicação, incentivo e compreensão recebidos por você. Agradeço imensamente à minha avó Ivanilda por todo carinho recebido, por estar ao meu lado, me apoiando e torcendo por mim. Ao meu tio Gilberto agradeço pelo cuidado, suporte e pelas trocas produtivas que surgem durante nossos diálogos e que me fazem refletir acerca de diversas questões. Aos meus animais de estimação que sempre estiveram comigo enquanto estudava, nos momentos de leitura e escrita.

À minha orientadora Elisiane pelo empenho e atenção, sempre me auxiliando e trazendo contribuições pertinentes, o que possibilitou a ampliação de questões e reflexões essenciais neste percurso.

À professora Lála pelo incentivo e ajuda desde o momento em que me deparei com o tema de pesquisa, ao realizar o Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso; e por ter aceitado o convite para fazer parte da Banca de Defesa.

A todos os professores/profissionais que contribuíram, direta ou indiretamente, na minha formação, pela transmissão de conhecimentos e possibilidade de espaços de trocas em que o saber se torna articulável, não encerrando as considerações, mas oportunizando pensar em questões fundamentais diante de nosso fazer. E também àqueles que auxiliaram através de indicações de leituras durante esta trajetória de elaboração e implicação com o trabalho.

E a todos os amigos, colegas e familiares em geral, que de alguma maneira se fizeram presentes durante este processo tão significativo.

Muito obrigada!

A angústia é a disposição fundamental que nos coloca perante o nada.

Martin Heidegger

RESUMO

O presente trabalho possui como proposta a discussão de aspectos referentes à infância imersa no contemporâneo e os sintomas decorrentes disso, tendo como embasamento a teoria psicanalítica. Diante desses sintomas, se propõe elucidar acerca da angústia em grande parte do trabalho, pois situa-se na mesma dois desdobramentos, sendo que um deles faz referência a angústia como um fundamento estrutural do sujeito; e em outro aspecto concerne a angústia enquanto enfermidade, afetando a vida do mesmo. No primeiro capítulo foi desenvolvido sobre as relações virtuais no cenário contemporâneo e a infância posta nesse contexto, tratando das marcas subjetivas que isso provoca no sujeito e sua experiência de viver. No segundo capítulo abordou-se mais especificamente a angústia infantil, essa enquanto constitutiva do sujeito psíquico, e a decorrência quando ela se torna patológica devido aos modos de relação e do discurso que permeia o contemporâneo, interferindo assim no cotidiano de quem é acometido por essa dimensão da angústia. Também apresentou-se brevemente outros sintomas que se relacionam com os atravessamentos contemporâneos nesse cenário transcorrido.

Palavras-chave: Infância. Contemporâneo. Angústia. Social.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – A INFÂNCIA E AS RELAÇÕES VIRTUAIS: UM CONTEXTO CONTEMPORÂNEO	9
CAPÍTULO II – A ANGÚSTIA INFANTIL: DO CONSTITUTIVO AOS SINTOMAS PATOLÓGICOS ENQUANTO CONSEQUÊNCIA DO DISCURSO CONTEMPORÂNEO	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma monografia cuja metodologia é uma pesquisa bibliográfica com revisão de literatura. Sendo assim, a mesma sustenta-se pelo referencial teórico psicanalítico, por meio de livros de autores contemporâneos que abordam o assunto da angústia na infância nesse contexto, comentadores que se referem a autores clássicos e artigos científicos sobre o tema. Além de trabalhar na perspectiva da Psicologia, há necessidade de buscar uma fronteira no campo social/cultural.

No primeiro capítulo será abordado aspectos referentes à infância e as relações virtuais no contexto contemporâneo, o qual menciona o laço social enquanto discurso e as formas de relações que se colocam nesse contexto. A cultura atravessada pelo digital deixa marcas nos sujeitos e em suas histórias, sendo assim, neste momento inicial do trabalho, haverá uma reflexão de como a subjetividade se posiciona diante das intoxicações eletrônicas presentes na contemporaneidade.

O segundo capítulo se deterá em dar continuidade no que foi desenvolvido no primeiro, realizando uma amarragem dos mesmos, pois tratará da angústia infantil enquanto consequência do discurso e dos modos de relação postos no contemporâneo. Neste percurso será brevemente explanada a angústia enquanto constitutiva, bem como os sintomas que aparecem como patológicos decorrentes da lógica predominante.

A ideia para o respectivo tema de pesquisa surge através da prática realizada ao longo dos estágios no Curso de Psicologia, tema esse que suscita diversas questões referentes à sociedade contemporânea e à infância, como: o que no universo infantil leva as crianças a serem ansiosas? O sujeito criança mudou ou o mundo que está inserido criou esta possibilidade? Essas questões se colocam como norteadoras para pensar na questão de pesquisa que orienta o trabalho, pois a questão geral está situada justamente nesse ponto em específico: de haver uma normalidade referente à angústia no sujeito, principalmente em determinado tempo de constituição da criança; porém, quando em excesso, acaba se tornando um sintoma enquanto patológico, que está vinculado ao discurso contemporâneo. Pretende-se com esta pesquisa analisar os atravessamentos presentes nos discursos contemporâneos, acerca da infância, enquanto reguladores dos laços sociais.

A relevância do tema é atual, pois percebe-se um aumento significativo de sujeitos que possuem sintomas relacionados ao contemporâneo, através de marcas que esse discurso social toma como referência em seus respectivos laços, incluindo a família, a cultura, e inclusive as

crianças. Nesse sentido a importância social e científica para esse campo de conhecimento, se situa enquanto imprescindível para o assunto a ser abordado, colocando-o em questão, sendo falado, expressado e desta forma compreendido enquanto sintoma, para sua possível implicação e elaboração. Objetiva-se colocar a palavra em circulação no trabalho e debates sobre o tema, o que se mostra enquanto essencial para iniciar um movimento que possa surgir sobre o mesmo, pois já dizia Calligaris (1994, p. 14) “somos humanos e por isso não temos nada de natural, porque somos sempre o efeito das relações intersubjetivas que a linguagem organiza ao nosso redor, não somos nada fora destes efeitos, a não ser o peso de nossa carne”. Dessa forma, se o discurso, as palavras, a linguagem e a humanização que está presente nisso, acabarem por não possuírem seu espaço, o retorno de todos esses movimentos contemporâneos podem aparecer em ato.

O discurso produz laço social entre os sujeitos, e no contemporâneo esse discurso dominante, que está em um tempo/lugar, prevalece como sendo o capitalista, o que gera um sintoma social de consumo, inscrito num discurso dominante de um tempo. A reflexão acerca da sociedade contemporânea e seus efeitos na infância é de extrema relevância, pois os discursos enquanto tal, formam e regulam os laços sociais. O sujeito do individual não é nada mais que o coletivo. Nesse sentido, torna-se imprescindível a análise de maneira criteriosa, pretendendo compreender em relação à constituição dos laços sociais contemporâneos e seu vínculo com a subjetivação na infância, bem como aos fatores que desencadeiam os sintomas nesse âmbito. No que concerne ao “[...] enlace entre o real, o simbólico e o imaginário, tecido pelo sintoma, encontramos a história familiar e social” (MEIRA, 2008, p. 164), na qual o imaginário se amplia e o simbólico diminui na contemporaneidade.

Os ideais contemporâneos, que se relacionam com os discursos sociais, enaltecem o culto ao imediato, ao descartável, o que ocasiona a “[...] constante mutabilidade do laço social” (MEIRA, 2008, p. 159). A dificuldade de se construírem laços denuncia uma fragilidade, um empobrecimento e um desamparo social no contemporâneo, que dizem desses valores líquidos em que a infância também está inserida. Então, faz-se necessário refletir sobre o modo como o infantil está posto na sociedade contemporânea. Através dessa apreensão criteriosa, que é muito importante, pode-se constituir uma elaboração de esclarecimento, gerando modificações favoráveis em todo esse contexto transcorrido.

CAPÍTULO I – A INFÂNCIA E AS RELAÇÕES VIRTUAIS: UM CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

“Estou tentando fazer amigos fora do Facebook. Saio na rua e vou dizendo para todo mundo o que comi, como me sinto, o que estou fazendo e o que farei mais tarde. Escuto a conversa dos outros e grito “curti”. Até agora, já tenho três pessoas me seguindo: dois policiais e um psiquiatra”

(Adela Stoppel de Gueller).

A frase do epígrafe mencionada acima se encaixa perfeitamente para iniciarmos as reflexões acerca deste capítulo e, nesse contexto, “a piada, como dizia Freud, revela algo oculto” (GUELLER, 2017, p. 63). Certamente as relações que se colocam no real são divergentes dos relacionamentos virtuais, pois nesse “[...] mundo digital, não é preciso decifrar os gestos do parceiro nem sustentar o peso do olho no olho” (Ibid., p. 64). O ingresso no mundo tecnológico passa “a ilusão de um domínio facilitado, o que poupa a subjetividade do trabalho de construção. Não nos faz esperar, alimenta nossos olhos, não nos incomoda com perguntas nem discorda de nossas opiniões” (Ibid., p. 67). Conforme Gueller (2017)

hoje, é comum ver crianças bem pequenas jogando com um *Ipad* ou um celular numa mesa de restaurante. E o surpreendente é que isso funciona! Há menos crianças subindo nas mesas e menos pais dizendo aos filhos que esperem calmamente o pedido chegar. Mas não nos iludamos. Não serão essas crianças as que terão mais paciência no futuro. Bem ao contrário, os avanços tecnológicos nos deixam cada vez mais ansiosos e inquietos e menos tolerantes a erros: ‘Droga, esse celular travou!’ E a vontade que dá é de jogá-lo pela janela. Por quê? Se partirmos do postulado freudiano de que o psiquismo funciona na base do princípio do prazer, não é difícil entender que nos agrada ter o que desejamos o mais depressa possível. Desse ponto de vista, a tecnologia, quanto mais avança, mais nos faz regredir. [...]. Quanto mais nos é oferecido, mais esperamos e, conseqüentemente, qualquer falha nos põe num estado de privação ou frustração (p. 65-66, grifo da autora).

Os laços sociais, denominado por Lacan de discursos, constituem o campo do gozo¹, sendo que “[...] o discurso do Outro² marcado pela linguagem, pela cultura, as palavras que circulam no campo social fazem parte do horizonte que será oferecido às crianças desde antes de seu nascimento” (MEIRA, 2008, p. 160). Ou seja, estamos remetidos “[...] há algo que antecede o sujeito³; um tesouro de significantes⁴, agenciado pelo Outro – que o determina” (FREIRE, 2010, p. 250). Nesse sentido, “[...] Lacan denominou tesouro dos significantes, o lugar do Outro, matriz simbólica. Seu berço é a cultura, o discurso dos pais e o discurso social do qual são representantes. [...] Os pais são representantes do discurso social” (MEIRA, 2008, p.159). Segundo Meira (2008), citando Agamben (2002), a evolução da ciência marca “[...] este discurso fundando uma articulação que acaba por apagar a dimensão da experiência [...]” (p. 160). E, nesse contexto “mesmo que não se diga nada, no momento em que se está em uma relação com outra pessoa, se está inserido num desses discursos em que os atos importam mais do que as palavras” (QUINET, 2012, p. 50). Percebe-se que nessa evolução científica “a internet transformou a forma de se relacionar, porque ela tem efeito nos modos discursivos de representarmos nossa experiência de viver” (JERUSALINSKY, 2017, p. 17).

Na sociedade contemporânea, o tão esperado primeiro aparelho de celular é conseguido cada vez mais cedo pelas crianças, pois “os adultos ficam fascinados com a habilidade de seus pequenos [...] em apertar botões – na medida em que essa foi uma aprendizagem tardia para a geração anterior” (JERUSALINSKY, 2017, p. 48). Porém, Gueller (2017) aponta que “já passou a época em que os adultos se surpreendiam com a proficiência das crianças para manipular aparelhos. Hoje, o que os preocupa é que elas não querem desligá-los” (p. 72). Há uma conexão de dependência relacionada aos aparelhos eletrônicos, de tal maneira que “[...] se, por qualquer motivo, a telinha falta, vemos as crianças num estado que lembra a abstinência. ‘Mãe, o que eu faço agora? Estou entediado’, dizem. O tédio, alias, é uma

¹ “[...] A psicanálise freudiana e lacaniana propõe a originalidade do conceito de gozo, pelo próprio fato de que nosso desejo está constituído pela nossa relação com as palavras. Esse termo se distingue, pois, de seu emprego comum, que confunde o gozo com as diversas vicissitudes do prazer. O gozo refere-se ao desejo, e precisamente ao desejo inconsciente; isso mostra o quanto essa noção ultrapassa qualquer consideração sobre os afetos, emoções e sentimentos, e coloca a questão de uma relação com o objeto que passa pelos significantes inconscientes” (CHEMAMA, 1995, p. 90).

² Grande Outro da cultura enquanto “[...] lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente [...] – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 558). “Esse lugar da linguagem é chamado, por Lacan, de grande Outro [...]” (CHEMAMA, 1995, p. 91). “Em um sujeito, o lugar de onde vem sua mensagem linguística é chamado de Outro, parental ou social” (Ibid., p. 42).

³ “Ser humano, submetido às leis da linguagem que o constituem, e que se manifesta de forma privilegiada nas formações do inconsciente. O sujeito, em psicanálise, é o sujeito do desejo” (CHEMAMA, 1995, p. 208).

⁴ “Elemento do discurso, referível tanto ao nível consciente como inconsciente, que representa e determina o sujeito” (CHEMAMA, 1995, p. 197).

das manifestações da angústia ante um tempo vazio” (GUELLER, 2017, p. 67). Não há aparentemente problema em ter o melhor aparelho tecnológico, desde que não haja “[...] ligação de dependência simbólica para com a tecnologia” (DUNKER, 2017, p. 137). Os pais não precisam pensar na “[...] cultura digital, como se ela fosse uma droga ou uma má companhia da qual devem proteger seus filhos [...]” (Ibid., p. 132), pois o que se torna arriscado é “[...] a crença, [...], de que o demônio está nos objetos e nas linguagens e não no que fazemos com elas” (Ibid., p. 133). É importante ressaltar que “[...] as palavras, o corpo e as imagens são marcados por representações culturais que se constroem na consonância com as épocas históricas [...]” (MEIRA, 2008, p. 164), sendo importante refletir no modo como isso atinge os sujeitos, e os possíveis deslizamentos que conseguiriam realizar estando imersos no contemporâneo.

As inovações tecnológicas sempre foram recebidas pela humanidade com um misto de fascínio e horror, [...]. Fascínio pela inesgotável capacidade de invenção humana e esperança na promessa técnico-científica de tornar a vida melhor no futuro. Horror porque elas, [...], comportam um grau de imprevisibilidade, produzindo transformações [...] na miudeza do dia a dia, de regular os costumes mais cotidianos da vida e das trocas nas relações entre os próximos (JERUSALINSKY, 2017, p. 13).

Meira (2008), mencionando Virilio (1994) “aponta que as máquinas de visão, [...] determinam a automação da percepção, que passa a ser pautada pelo instantâneo” (p. 157), impondo uma “[...] supremacia do virtual sobre o real, do inanimado sobre o humano. [...] Pela via da publicidade que povoa a cidade com anúncios que jogam com a instantaneidade, a sugestão e as mensagens subliminares” (MEIRA, 2008, p. 157). Conforme Sinay, para “[...] a doutora Mónica Oliver, integrante da Comissão de Saúde Mental da Sociedade Argentina de Pediatria, ‘as crianças estão sobrecarregadas de estímulos’, que depois viram ansiedade, estresse e transtornos do sono” (2015, p. 79). A velocidade está presente na temporalidade social, onde “[...] é marcante a crescente objetalização que hoje domina a sociedade contemporânea, onde o olhar é substituído pelas máquinas de visão que acabam por torná-lo prescindível” (MEIRA, 2008, p. 157).

Desde pequenas as crianças são colocadas à frente da televisão, assistindo a programas supostamente criados para sua faixa etária, onde seu corpo encontra-se anestesiado. Apenas seus olhos e ouvidos encontram-se pulsionalizados na direção da tela. Esta é a contadora de histórias privilegiada pelos pais, em seu cotidiano. A busca de apaziguar o mal-estar da infância revela-se na concomitante proliferação de videotecas com filmes infantis. Muitas crianças pequenas vivenciam a subtração da presença dos pais a partir destas rotineiras posições de espectadores a que são precocemente submetidas (MEIRA, 2008, p. 162).

Em relação à ciência moderna, Dunker destaca que, “como qualquer tecnologia, ela apenas favorece ou intensifica disposições já existentes [...]” (2017, p. 124), porém se torna necessário refletir acerca dos “[...] efeitos que esta compulsão por imagens produz na família desde o nascimento do bebê” (MEIRA, 2008, p. 161), pois antes esse acontecido “[...] era marcado pelo ritual da enunciação do nome, onde o pai e a mãe logo o pegavam no colo, hoje este se encontra às voltas com os olhares dos outros que assistirão como espectadores às cenas” (Ibid., p. 161). O pai participa do parto com sua filmadora, marcando em vídeo suas movimentações, então a infância é apresentada para “[...] este cultuado objeto que marca a sociedade: a câmera de vídeo, o olhar de vidro, transparente, sem palavras. [...] Diante do bebê o pai escolhe segurar a máquina, [...] para que depois assistam as cenas em família. Destas, o pai está subtraído, [...] fora da cena” (Ibid., p. 160). Segundo Meira (2008) citando Quinet (2002), esse elabora um estudo sobre a sociedade contemporânea “[...] marcada pelos traços escópicos, panópticos, onde o visível é referência de ser: ‘o Outro me vê, logo eu existo’” (p. 161). Jerusalinsky aponta que “podemos perceber aí uma exacerbação da sociedade do espetáculo na qual o *parecer* é, sem dúvida, muito mais importante do que o *ser* e até mesmo do que o *ter*” (2017, p. 18, grifo da autora). E Ornellas corrobora com a ideia de que o “[...] mundo globalizado pela tecnociência, marcado por uma tendência a um inflacionismo do imaginário⁵, evidenciado pela sociedade do espetáculo, pela descontinuidade e pelas tentativas de apagamento das diferenças” (2017, p. 167).

A noção de tempo se altera, pois no discurso dominante contemporâneo, o sintoma de consumo aparece no que se torna rapidamente obsoleto, sendo que “[...] é inegável que a velocidade muda o modo como percebemos o que nos rodeia” (JERUSALINSKY, 2017, p. 14), e nessa lógica contemporânea “quem paga o preço ao ser posta de lado é a subjetividade, que se objetiviza nesse consumo” (GUELLER, 2017, p. 68). No vasto número de imagens oferecidas ao sujeito, há aí “[...] um excesso sensorial que mortifica, na medida em que esses bombardeios perceptivos não são articulados a uma cadeia significativa [...]” (JERUSALINSKY, 2017, p. 31). Esse entorpecimento enquanto mortífero se manifesta no “[...] quanto os corpos tão agitados, tão ‘elétricos’ das crianças da atualidade podem *dar-se-a-ver* como uma mortificação e não como vitalidade dentro de uma cultura de excessos sensoriais fragmentados [...]” (Ibid., p. 32, grifo da autora) na qual todos estão articulados.

⁵ “O imaginário deve ser entendido a partir da imagem. Esse é o registro do engodo, da identificação. [...] É esse o registro do eu, com aquilo que comporta de desconhecimento, de alienação, de amor e de agressividade, na relação dual” (CHEMAMA, 1995, p. 104).

Esta automatização das imagens tem efeitos sobre as crianças que estão cotidianamente expostas às inúmeras fontes visuais e à aceleração do tempo. Entre estes, sua agitação, a velocidade das brincadeiras, a velocidade dos pedidos de objetos que incessantemente são oferecidos pela mídia, as dificuldades de concentração. E, indo mais além, a velocidade com que se defrontam com a tarefa de pensar sobre o mundo. Podemos refletir sobre hipóteses relativas às alterações que este tempo hoje veloz instaura em sua subjetividade” (MEIRA, 2008, p.157).

Na sociedade contemporânea depara-se com “[...] a prevalência da referência ao presente, ao imediato, sendo apagadas as marcas da história ligadas à memória e às projeções de futuro” (MEIRA, 2008, p. 159), no sentido de que “[...] ao narrar a história, se cria o passado, se insere o atual do presente no tempo da sucessão, dando possibilidades ao futuro” (FLESLER, 2012, p. 87). Porém, isso se coloca atualmente num “[...] berço temporal em que o bebê nasce, em uma sociedade onde a história prezada é a do agora” (MEIRA, 2008, p. 159). Meira (2008) citando Mafesolli (1999), se refere aos “[...] rápidos ritmos temporais na contemporaneidade [...] marcados pelo [...] presenteísmo” (p. 158), no qual “o gozo não é mais remetido [...] para um paraíso do futuro, mas vivido, do jeito que dá, no presente. A existência não passa [...], de uma seqüência de instantes eternos que devem ser vividos, da melhor forma, aqui e agora” (Ibid., p. 158). Para que as crianças pequenas “[...] se desenhem, para que sejam traços subjetivos, é necessário que tenha sido apresentado, aos bebês, o mundo [...] não através das telas, mas a experiência de viver, de tocar nos objetos, de ser tocado pelas palavras e histórias narradas em presença” (MEIRA, 2008, p. 167), ou seja, “nosso corpo é matéria que não cresce se não é regada com a fala endereçada de alguém” (GUELLER, 2017, p. 69). Diante disso, Meira expressa que,

para além da visão artificial que filma o nascimento dos bebês, cabe pensarmos sobre o lugar do olhar dos pais, a desenhar nas bordas corporais de seus filhos recém-nascidos, traços que fundam uma história a transmitir. Neste ponto, faz diferença se esta será transmitida pela via da experiência ou apresentada como um filme a mais, colocando a criança no lugar de espectadora de seu mundo já desde seu nascimento (2008, p. 167-168).

As formações da sociedade contemporânea remetem ao discurso enquanto formulador e regulador dos laços sociais da mesma, produzindo efeitos e marcas nos sujeitos. “[...] As crianças de hoje abrem muitas janelas simultâneas à percepção: fazem as tarefas da escola no computador enquanto conversam no *Facebook*, trocam mensagens e postam fotos no *Instagram*. Têm sido chamadas crianças-multitarefa” (GUELLER, 2017, p. 72, grifo da autora). E esse ritmo acelerado é abordado, conforme Meira (2008) citando Chesneaux (1996):

os adultos programam febrilmente seu tempo “fora do trabalho”; os pais organizam com não menor ardor o tempo de seus filhos “fora da escola”: multiplicam as atividades organizadas, as saídas, as idas ao clube, os cursos, e as queridas crianças se

habitua muito rapidamente a essas rígidas seqüências; elas já possuem um medo apavorante do tempo realmente “livre” (p. 158).

De acordo com Jerusalinsky, “há uma descontinuidade produzida pela era digital nos modos de estabelecer o laço social e nas formas discursivas de sustentar subjetivamente as experiências” (2017, p. 15-16), e nesse sentido “a intoxicação digital crônica é uma patologia discursiva [...]” (DUNKER, 2017, p. 119). Ou seja, em sua dimensão, a perda de experiência “[...] em nome do moderno aparelho televisual revela-se, em extensão, nos inúmeros jogos virtuais oferecidos às crianças” (MEIRA, 2008, p. 162) então, muitas vezes as crianças “[...] que ainda não acederam à representação simbólica própria do brincar são colocadas frente às telas para jogar” (Ibid., p. 162), podendo assim advir a “[...] suspensão da curiosidade [...] a pregnância da imagem, na falta da palavra, paralisa, inibe a articulação simbólica que daria lugar a hipóteses ou pesquisas e, portanto, à produção de um saber singular”. (JERUSALINSKY, 2017, p. 30). Gueller salienta que “se uma criança pode ficar tanto tempo jogando ou assistindo, é porque a tela afasta sentimentos de solidão, angústia, raiva, culpa ou qualquer outro estado afetivo que gere tensões psíquicas e iniba fantasias e medos” (2017, p. 66) e isso é prejudicial pois “[...] se afastam afetos prazerosos, que dão origem a sentimentos de excitação, vivacidade, etc. e que são percebidos como proibidos ou perigosos. Do que resulta que, em ambos os casos, afastam-se afetos conflitantes, que requerem processamento psíquico” (Ibid., p. 66).

Existe “[...] uma diferença crucial entre os brinquedos plastificados, automatizados e estes pequenos objetos de madeira, de pano, que as crianças encontram à sua volta, transformando-os em objeto de criação simbólica e imaginária” (MEIRA, 2008, p. 163). Nesse último caso, “[...] a vestimenta da palavra dá vida ao brincar” (Ibid., p. 163) e esse brincar “[...] permite criar recursos anímicos para lidar com as angústias e os conflitos próprios da vida” (GUELLER, 2017, p. 66-67). Quando se tratam de “[...] jogos virtuais ou automatizados, nos quais a criança aperta um botão e produz-se um som em sintonia sígnica, encontra-se apagada esta dimensão lúdica” (MEIRA, 2008, p. 163), o que pode se manifestar mais adiante, como se houvesse “[...] perdido o fio simbólico⁶ [...] em um total des-reconhecimento das bordas reais e também simbólicas [...] produzindo atuações, como ações fora de contexto, e passagens ao ato que o colocam diante de um risco real⁷” (JERUSALINSKY, 2017, p. 34).

⁶ “Função complexa e latente que envolve toda a atividade humana, comportando uma parte consciente e outra inconsciente, ligadas à função da linguagem e, mais especialmente, à do significante” (CHEMAMA, 1995, p. 199).

⁷ “Definido como o impossível, o real é aquilo que não pode ser simbolizado totalmente na palavra ou na escrita [...]” (Ibid., p. 182).

[...] O jogo é uma representação que se constitui a posteriori da entrada no mundo simbólico. Mas, em consonância com os velozes ritmos do social, [...] oferecem às crianças pequenas inúmeros jogos pedagógicos, virtuais, lançando-as a uma ruptura com o processo de criação, tecido imaginário e simbólico, que dá suporte a sua existência (MEIRA, 2008, p. 162).

Diante desse exposto é interessante pensar que “[...] não são todos os objetos que convocam o olhar e o brincar, sendo esta uma contribuição instigante para os que trabalham com crianças e seus brinquedos” (MEIRA, 2008, p. 163). É importante ressaltar que “brincando do ‘eu era’, a criança preserva o ‘eu sou’” (GUELLER, 2017, p. 67).

Talvez seja este um dos horizontes a buscar junto às crianças: que com pequenos objetos, por elas escolhidos, encontrados ao acaso, possam colocar seu corpo em jogo, fundando fantasias – pela via do brincar, do teatro, da música, do circo, das histórias, da arte – que rompam com os controles que apagam sua experiência. Da mesma forma, estes campos da cultura que se entrecruzam na convocação ao brincar da criança provocam a rememoração da infância dos pais (MEIRA, 2008, p. 167).

Conforme Meira, a frase “*‘Não há tempo a perder’* [...] se escuta correntemente em nossa vida cotidiana” (2004, p. 10, grifo da autora). A demanda por instantaneidade presente no discurso social acarreta uma “[...] cena ali onde os pais passam a desautorizar-se, delegando a autoridade e o saber sobre seu filho à ciência, à medicina, à escola, à internet. Ao nascer, o bebê encontra-se em um universo social que outorga seus cuidados aos saberes e controles que circulam [...]” (MEIRA, 2008, p. 166). Por exemplo, a antecipação que ocorre diante de uma cena, “[...] quando o Dr. Google passa a funcionar como o oráculo digital, como um grande Outro onisciente e onipotente diante do qual o sujeito contemporâneo, de bom grado, amansa seus enigmas e se silencia de modo obediente onde poderia inventar” (JERUSALINSKY, 2017, p. 27). É de suma importância que os pequenos sejam “[...] olhados, precisam que adultos brinquem com eles, lhes falem, cantem e contem histórias. [...] Que adultos se encantem com seu sorriso e seus balbucios” (GUELLER, 2017, p. 68). Devido à insuficiência desse olhar humanizado, “por faltarem o olhar e a presença do Outro, o sujeito não se encontra com a falta estrutural que organiza, dá bordas e introduz a temporalização” (Ibid., p. 70). Conforme Jerusalinsky, “isso torna inquestionável a instauração de um olhar patologizante que se dirige à criança [...]” (2017, p. 28). Diante disso, o que ocorre é que “[...] o sujeito contemporâneo perde o lugar necessário para a produção de um saber que lhe diga respeito dentro da cena vivida e, assim, é expropriado de sua experiência” (JERUSALINSKY, 2017, p. 28).

[...] Quando se clama por uma resposta imediata que recubra de um sentido instantâneo cada uma das fendas de incompreensão que inevitavelmente comparecem no cotidiano da vida, as pessoas deixam de se interrogar e, em lugar disso, passam a perguntar, com urgência, nas redes sociais. Recebem, então, centenas de respostas instantâneas e simultâneas, que mais desnorream do que permitem suas elaborações,

por preencher de forma desorganizadora o tempo de vazio necessário que precede a construção inventiva em que o sujeito produz um *saber fazer ali com isso* (JERUSALINSKY, 2017, p. 27, grifo da autora).

Pode-se pensar, se o politicamente correto não entra no desejo⁸, como lidar com os manuais que contém respostas prontas para qualquer situação, sendo que o sujeito é singular e precisa ser humanizado. Ou seja, “é preciso um tempo de tramitação para que, a partir da vivência compartilhada do bebê com a mãe, possa se produzir um laço permeado por um saber fazer que valha singularmente nessa relação” (JERUSALINSKY, 2017, p. 27). Porém, na contemporaneidade, há uma busca incessante por esses manuais para que lhe direcionem, com respostas prontas e finitas, sem se questionarem sobre, colocando os bebês e as crianças no “[...] lugar de objeto manipulável e controlável. Observa-se a desconsideração de posições relativas ao desejo, ao inconsciente, ao não-saber” (MEIRA, 2008, p. 165).

Essa circunstância pode parecer muito distante dos bebês que padecem de intoxicações eletrônicas, no entanto já se apresenta na lógica discursiva que cerca os seus cuidados, quando a muitas das mães contemporâneas, bastante solitárias e isoladas de suas famílias de origem, só resta recorrer aos *blogs* para decidir o que fazer diante das incertezas que se apresentam nas minúcias do encontro com seus filhos no dia a dia: o que fazer diante de um choro que não para, uma mamada que não acontece, um cocô que não vem, uma papinha que é recusada... (JERUSALINSKY, 2017, p. 26, grifo da autora).

É crescente a procura por “[...] ‘redes’ mais amplas de amigos e amigadas [...] que pudermos comprimir no painel do telefone celular, [...] preferimos investir nossas esperanças em ‘redes’ [...]. Esperamos compensar a falta de qualidade com a quantidade [...]” (BAUMAN, 2008, p. 94). O que resta nessa lógica de “[...] busca por segurança parecem, contudo, um cemitério de esperanças destruídas e expectativas frustradas, [...] de relacionamentos frágeis e superficiais. O chão não está mais firme à medida que caminhamos; [...]. As parcerias não se fortalecem, os medos não se dissipam” (Ibid., p. 94). Dunker aponta que “[...] o primeiro sinal da intoxicação digital é a experiência de ausência de si, o sentimento de que a criança perdeu sua capacidade de estar com os outros” (2017, p. 131). Isso aparece quando “[...] suspendem suas demandas ou viram as costas para os que a eles se dirigem, por conta dessa chupeta eletrônica junto à qual comem, tomam banho, deslocam-se pelo bairro, capturadas em uma tela virtual” (JERUSALINSKY, 2017, p. 36).

[...] Gerações de bebês e pequenas crianças que, desde o nascimento, convivem com a existência desses *gadgets* eletrônicos e que recolhem as consequências disso não só diretamente, na medida em que eles passam a ser oferecidos no lugar dos brinquedos (não à toa, têm sido fabricados menos brinquedos e mais jogos eletrônicos), mas

⁸ “Falta inscrita na palavra e efeito da marca do significante sobre o ser falante” (CHEMAMA, 1995, p. 42).

também indiretamente, na medida em que convivem com adultos que não têm mais tempo, porque os eletrônicos *bugaram, desconfiguraram* a borda entre o espaço de lazer e de trabalho, e que não têm mais lugar, afinal se vive olhando para janelas virtuais, de corpo presente mas psiquicamente ausente (JERUSALINSKY, 2017, p. 35, grifo da autora).

Atualmente a criança está permeada de um saber sem medidas no que concerne ao virtual, porém há uma medida de sofrimento aí presente, justamente por não ter com quem compartilhar e, conseqüentemente, singularizar esse processo de busca. Conforme Gueller “[...] o que circula é informação, o que falta é um engajamento singular, como o que emerge na fala num ato falho ou num esquecimento” (2017, p. 70). Nesse sentido, “a transmissão a crianças passa a ocorrer de um modo não mediado e anônimo, esvaziando a importância de contar e dar conta do vivido na narrativa entre gerações e do registro do tempo implicado nisso” (JERUSALINSKY, 2017, p. 32), preferindo “[...] consultar o *Google* a perguntar à mãe, ao pai ou ao professor” (GUELLER, 2017, p. 71, grifo da autora). Deixa-se de lado, para segundo plano, o que concerne ao saber transmitido por um contato realizado pessoalmente, “demonstra-se aí a ilusão de que seria possível ter acesso a um saber pela virtualidade, desconsiderando a importância que tem para apreender a transmissão de um saber de alguém que, estando de corpo presente, compartilha o gozo de tal realização corporal [...]” (JERUSALINSKY, 2017, p. 33-34).

Para fundar a posição subjetiva desde a qual estabelece laços com o outro, a criança necessita, visceralmente, de palavras, olhares, afetos, não somente de objetos. São as palavras e o olhar que a mãe dirige à criança, estendendo seus braços e olhando para ela, que fazem a criança levantar seu corpo e ensaiar seus primeiros passos. É dando estes passos que a criança olha para as outras, em busca do que virá a ser (MEIRA, 2008, p. 165-166).

Em tempos de relações virtuais, uma das questões que surgem é a de “[...] que rede sustenta o sujeito contemporâneo no balanço entre o público e o privado, [...] ao ser e estar lançado virtualmente na web” (JERUSALINSKY, 2017, p. 16). Isso nos convoca a pensar sobre “a borda entre o público e o privado que se borra, que se derrete [...]” (Ibid., p. 21), não havendo uma demarcação clara que especifique os lugares referentes no que diz respeito ao público e ao privado, então “[...] o direito à privacidade deixa de ser posto em questão” (Ibid., p. 24). Através disso percebemos o quanto tudo isso se faz confuso, principalmente para uma criança, pois “[...] a intoxicação digital envolve uma espécie de exteriorização do fantasiar, um fantasiar a céu aberto, com embaralhamento entre intimidade, privacidade e publicidade” (DUNKER, 2017, p. 131).

A produção do laço social através do discurso se manifesta de uma forma nociva quando irrompe “[...] a condição de ver o que o outro está fazendo em lugar de confiar em sua palavra [...]” (JERUSALINSKY, 2017, p. 24). Isso aparece no momento em que “[...] pais vigiam os filhos por câmeras domésticas, controlando assim seus afazeres [...]” (Ibid., p. 25), determinando assim “[...] uma condição de vigilância, [...] a suposição de que, desse modo, poderia se estar com outro, mesmo não estando” (Ibid., p. 25). Dunker refere que “pais que usam os recursos digitais para [...] manter a falsa promessa de presença infinita, criam o brilho eterno de uma mente sem lembranças, do qual posteriormente se queixarão” (2017, p. 133).

A infância é definida na sociedade contemporânea “[...] pela expressão totalitária de desejos de uniformização que colocam como prioridade a higiene, a segurança, a saúde, a posse de objetos, como sendo espelhos de ser” (MEIRA, 2008, p. 166). As crianças acabam sendo “[...] bombardeadas por imagens [...] em nome de um pretense ideal de inteligência, destreza e competência” (Ibid., p. 166-167), onde o império da imagem se coloca, projetando assim no tecido social “[...] que, ao caminhar na direção do outro, a criança é barrada, sendo o outro apresentado como um estranho, um possível perseguidor e no lugar deste é oferecido um objeto” (Ibid., p. 166). Sendo assim, pode-se pensar nas alterações que a sociedade contemporânea postula, já que “os efeitos destas transformações sobre a subjetividade são relevantes na medida em que as formações do inconsciente que se desenham via linguagem são marcadas também pelos contornos do social” (MEIRA, 2004, p. 10).

Basta abrirmos os jornais, ligarmos a televisão, transitarmos pela cidade, para constatar que os ideais vigentes hoje elevam ao mais alto grau o imediatismo e a constante mutabilidade do laço social. A permanência, o tempo que se estende, são traços que submergem em meio ao culto ao descartável. As brincadeiras das crianças são metáforas desta posição: revelam em sua transitoriedade a fragmentação do tecido social. Os objetos a elas oferecidos incessantemente são frágeis tentativas de obturar a angústia que revelam diante do mundo que se lhes apresenta (MEIRA, 2008, p. 159).

O ingresso na linguagem já se vê permeado por esse contemporâneo em que o eletrônico se faz presente na relação dos sujeitos, “em criancinhas pequenas, vemos introduzir-se um artifício por meio do qual os enunciados fixos dos aplicativos passam a ser a matriz de sua entrada na linguagem” (JERUSALINSKY, 2017, p. 35), ou seja, “[...] se reproduz um artifício automático de linguagem, e não uma fala desejante que introduz um enigma [...]” (Ibid., p. 35). Como consequência, percebe-se que “[...] pela repetição de enunciados [...]” (Ibid., p. 36) há “[...] um apagamento do sujeito da enunciação” (Ibid., p. 36). Em diversas situações os pequenos mantêm uma estrita relação com os aparelhos eletrônicos, “[...] em que esse é o Outro

da criança, e isso não é sem consequências para a constituição psíquica” (JERUSALINSKY, 2017, p. 44). Jerusalinsky aponta que

[...] a consequência disso para o sujeito em constituição é engendrar como resposta psíquica a esta questão: – ele só pode querer que eu, como ele, repita feito um autômata. E de fato é esta produção de linguagem que se realiza para muitas crianças: a da ecolalia, a de falar de si em terceira pessoa, a da parasitação de ruídos eletrônicos que reproduzem sem se dar conta [...] (2017, p. 36).

Diante das considerações até então realizadas, é necessário que a reflexão sobre esse assunto continue circulando, pois falar sobre o contemporâneo, principalmente no tocante às crianças, é essencial para compreendermos quais os atravessamentos presentes nesse discurso, para assim haver seu possível deslizamento e ressignificação dos extremos que compõem, como por exemplo, ser tudo ou nada. Encontrar o meio termo nisso tudo seria uma possibilidade de retirar o olhar patologizante que se coloca sobre os pequenos, porém não fico aqui restrita a expor respostas imediatas, pois se o fizesse estaria entrando no sintoma que aparece no contemporâneo. Então, cabe neste momento justamente fazer esse movimento de questões para que constantes observações possam se colocar diante do exposto inicial.

CAPÍTULO II – A ANGÚSTIA INFANTIL: DO CONSTITUTIVO AOS SINTOMAS PATOLÓGICOS ENQUANTO CONSEQUÊNCIA DO DISCURSO CONTEMPORÂNEO

O sujeito contemporâneo tem se apresentado com poucas reflexões referentes à questões existenciais do ser humano – algo que vem pela vertente da filosofia –, na tentativa excessiva de um preenchimento que a falta constitutiva (castração) impõe. Esse excesso que transborda, por exemplo, nas muitas informações existentes e no consumo exagerado, aparece por via da ansiedade enquanto escape para esse excesso que o sujeito não consegue dar conta. A ansiedade aparece ali enquanto uma tentativa inconsciente do sujeito pedir por socorro, ou seja, conseguir deslizar de uma forma saudável perante seus vazios, se questionando sobre isso e permitindo que a vida se apresente enquanto faltante. A questão que se apresenta diante disso é que, se o desejo está na falta, e se o sujeito não quer se deparar com ela – o que aparece através desses excessos –, como fica o sujeito de desejo no contemporâneo? Conforme Gueller, “ninguém gosta da espera nem de ter de ouvir e aceitar um não ou de argumentar para discordar de um outro. Tudo isso pode nos deixar angustiados. Preferimos o que já está feito. E, como dizem as crianças quando lhes pedimos para inventar algo: ‘me dá preguiça’” (2017, p. 68).

O homem contemporâneo quer ser despojado não apenas de sua angústia de viver, mas também da responsabilidade de arcar com ela; quer delegar à competência médica e às intervenções químicas a questão fundamental do destino das pulsões, quer, enfim, eliminar a inquietação que o habita em vez de indagar o seu sentido” (KEHL, 2002, p. 8-9).

Percebe-se que “o que o Outro exige do sujeito contemporâneo é sempre que ele goze. Muito” (KEHL, 2009, p. 94), no sentido de que, conforme Kehl (2009) citando Bucci (2002) “gozar imaginariamente é *gozar mais*” (p. 98, grifo do autor). Porém essa “[...] demanda de gozo que provém do Outro é impossível de ser atendida” (KEHL, 2009, p. 98). O chamado do discurso contemporâneo para o possível “[...] apagamento do sujeito do desejo vem se transformando em uma fantasia socialmente compartilhada, [...] se tornou o principal agente causador da servidão ante o cortejo das mercadorias [...]” (Ibid., p. 98). Nesse contexto há um juramento de “[...] ao mesmo tempo apagar a falta e apaziguar a angústia que a *falta da falta* inevitavelmente promove” (Ibid., p. 98, grifo da autora), o que não acontece, pois os sintomas da ansiedade estão se mostrando cada vez mais presentes no sujeito contemporâneo.

Neste cenário, “[...] uma cultura regida por imperativos de gozo não produz necessariamente sujeitos mais independentes das injunções e da crueldade superegoicas”

(KEHL, 2009, p. 94-95), pelo contrário, “[...] só faz tornar essa exigência, promovida a condição organizadora do laço social, ainda mais angustiante e opressiva para os sujeitos” (Ibid., p. 94). Conforme Kehl (2009) citando Bucci (2002)

tal gozo, que Bucci chama de imaginário, nada mais é do que uma modalidade do gozo fálico. Isso significa que continuamos em falta de gozo – ainda bem. Mas a insistência no imperativo que empurra o sujeito em sua direção funciona como promessa permanente de que o gozo imaginário seja capaz de “fazer sumir a falta do gozo (real) perdido”. Ora, fazer sumir a falta implica apagar o sujeito do desejo; daí decorre que a angústia participa inevitavelmente desse circuito, empurrando os sujeitos ainda mais, ora em direção às compensações do gozo imaginário, ora em direção aos efeitos anestésicos das drogas e dos psicofármacos. Trair sua via desejante em nome de uma oferta de gozo que se revela, ao final, impossível, já que é sempre do gozo fálico que se trata, e nunca do gozo Outro, lança o sujeito no buraco entre desejo e gozo, buraco cavado por ele mesmo no cerne da falta-a-ser. Pois o ser, sempre faltante para o humano, só se constrói precariamente ao longo do caminho daquele que persegue seu desejo (p. 97-98).

Pensando acerca do consumo contemporâneo, “[...] o que caracteriza a sociedade de consumo é o fato de que o fetiche da mercadoria, acrescido do valor (imaginário) de gozo, seja o verdadeiro organizador do laço social” (KEHL, 2009, p. 100). Sendo assim, “[...] gozar é a forma mais eficaz de trabalhar para o Outro. A dimensão subjetiva dos prazeres, das pulsões, dos afetos, transformou-se em força de trabalho na sociedade regida pela indústria da imagem” (Ibid., p. 96). Esse trabalho fornece “[...] sujeitos esvaziados do que lhes é mais próprio, mais íntimo, [...] disponíveis para responder aos objetos e imagens que os convocam; [...] ligados ao [...] presente veloz [...]” (Ibid., p. 96), o que demonstra a incapacidade “[...] de imaginar um devir que não seja apenas a reprodução da temporalidade encurtada característica do capitalismo contemporâneo” (Ibid., p. 96). O que se gera nessas circunstâncias são “sujeitos expropriados da experiência do inconsciente e do desejo, ávidos pelo consumo de imagens que lhes indiquem quem eles são” (Ibid., p. 100), percebendo “[...] alterações no campo simbólico” (Ibid., p. 100).

O que por vezes acaba acontecendo é que “o fato de nos tempos líquido-modernos⁹ precisarmos e desejarmos, mais que em qualquer outra época, vínculos sólidos e fidedignos apenas contribui para exacerbar a ansiedade” (BAUMAN, 2008, p. 94). Conforme Meira (2008) citando Hammad (2003) “[...] a crescente busca de encobrimento da falta e da angústia pela via medicamentosa, evidenciando-se nestes atos a economia da palavra. Hoje, estresse sintetiza angústia. Sobre esta, não se fala, [...]” (p. 164). Em relação a angústia, Flesler destaca que “é inútil tentar curá-la com psicofármacos, pois ela é inerente à dialética do desejo. Talvez por isso

⁹ Sempre que, durante a escrita deste trabalho, a palavra se referir a modernidade enquanto menção ao sentido de liquidez/líquido, essa caracteriza o contexto contemporâneo e não um período histórico determinado.

que Lacan aconselha, em seu seminário homônimo, a localizar o ponto de angústia em cada etapa de estruturação do desejo” (2012, p. 83). A angústia “[...] é sempre alimentada por fantasias ou representações e conflitos de nossa vida psíquica” (ROCHA, 2000, p. 21), então essa angústia “[...] nunca se cura completamente, pois sua procedência é estrutural. Existem, no entanto, angústias e angústias [...] pode ser ocasião de sintomas como a fobia. [...], o que é muito diferente da angústia pura” (FLESLER, 2012, p. 83). Segundo Pisetta, Freud percebe “[...] a angústia como centro de suas investigações, derivando dela até mesmo o sintoma” (2008, p. 406).

Ao longo das considerações realizadas sobre a angústia, percebe-se que os desdobramentos de seus estudos estão situados em três tempos principais e, conforme Rocha, houve “[...] a trajetória do pensamento de Freud nas três etapas essenciais em que se divide sua obra, [...] nos escritos iniciais (1892-1900), na primeira tópica (1900-1920) e, finalmente, nos últimos escritos (1920-1938) [...]” (2000, p. 10). Sendo assim, segundo Rocha, Freud descreve

na etapa inicial, [...] dois destinos diferentes da angústia. De fato, esta inscreve-se no corpo, quando abordada no contexto das neuroses atuais e, de modo particular, da neurose de angústia, e, sem deixar de ser inscrita no corpo, inscreve-se também no registro do psiquismo, quando considerada no contexto das psiconeuroses de defesa (2000, p. 10).

É interessante ressaltar o corpo revestido de linguagem, ou seja, “quando o corpo é, assim, representado e investido, ele se torna um ‘corpo próprio’, suporte físico do mundo interior, que é o mundo de nossa realidade psíquica” (ROCHA, 2000, p. 44). Diante disso, quando se trata das “[...] neuroses atuais, o que prevalece é a inscrição no corpo. No contexto das psiconeuroses, é a inscrição no psiquismo” (Ibid., p. 44). Já “numa segunda etapa, Freud retoma o estudo da angústia [...]” (ROCHA, 2000, p. 12), realizando assim

[...] uma abordagem mais profunda da angústia inscrita no psiquismo, intimamente relacionada com as moções pulsionais recalçadas. Transformação da libido recalçada, a angústia aparece, nesse momento, com a expressão típica de uma série de distúrbios psíquicos, relacionados com as psiconeuroses de defesa: a histeria de angústia, a histeria de conversão e as neuroses obsessivas (Ibid., p. 12).

Rocha (2000) comenta que Freud (1916) “[...] diz que o ato do nascimento (*Geburtsakt*) é a fonte (*Quelle*) e o protótipo (*Vorbild*) de todo afeto de angústia” (p. 87, grifo do autor). Nesse contexto, “a angústia originária do desamparo, [...] está intimamente relacionada com a angústia de castração” (ROCHA, 2000, p. 102). Sendo que, “[...] entre as crianças, aquelas que mais facilmente se angustiam, [...] são as que mais facilmente se

manifestam propensas para as neuroses” (ROCHA, 2000, p. 91). Na terceira e última fase, conforme Rocha

[...] Freud não somente modificou a sua teoria, ao deixar de ver a angústia, apenas, como uma transformação da libido recalçada, mas também passou a considerá-la como um elemento estruturante do existir humano, atribuindo-lhe uma função defensiva diante dos perigos que ameaçam a existência (2000, p. 13).

Nesse encadeamento, na “[...] dimensão existencial, a angústia se manifesta como um grito, que tanto pode ser de desespero, quanto de apelo, e é dirigido na direção do Outro, seja do outro relativo com quem tecemos nossas vivências intersubjetivas, seja do Outro Absoluto [...]” (ROCHA, 2000, p. 19).

Rocha (2000) citando Maia (1997) comenta que “[...] na abordagem psicanalítica, [...] ‘o enigma da angústia é coextensivo ao enigma da sexualidade humana e, conseqüentemente, ao enigma do inconsciente [...]’” (p. 17). Em uma perspectiva filosófica “[...] a angústia marca a singularidade de nosso ser e nos acompanha em todos os momentos da vida com a persistência e a teimosia de uma sombra. [...] É um símbolo da experiência do ‘nada’ que a angústia nos revela, [...]” (ROCHA, 2000, p. 17). Então, ela vem a ser “[...] um dos elementos estruturantes da subjetividade humana. Ela faz parte da essência do homem. Nela, e através dela, o homem se defronta com a realidade de seus limites [...] o ser do homem se confronta com o problema do nada” (Ibid., p. 18). Conforme Rocha, Freud situa o impasse da angústia, revelando

[...] que não é a falta de observação que torna difícil o problema da angústia, pois o seu fenômeno é, seguramente, um dos mais conhecidos. Ninguém o desconhece. A angústia é um dos problemas fundamentais da existência humana, que todos nós, quando não somos interrogados sobre sua natureza, sabemos o que é; mas, uma vez interrogados, quase nada sabemos a seu respeito. A angústia não se compreende facilmente e a reflexão especulativa muito pouco vale para sua elucidação (2000, p. 16).

De acordo com Rocha (2000) citando Freud (1926) “se não podemos ver com clareza, ao menos vejamos claramente as obscuridades” (p. 102). Nesse sentido, segundo Flesler, também para Lacan

[...] a angústia é anúncio, possibilidade de existência, liberdade, como diria Kierkegaard, mas liberdade não assegurada. Embora seja possibilidade de um novo lugar, abertura para um novo espaço, sua conquista impõe um preço: a castração do Outro primordial, que acarreta a perda do paraíso da infância [...], o encontro com a falta que a linguagem imprime a seu ser [...], “falta-a-ser”. Por esse viés, a angústia acentua não só um lugar, mas também uma vertente temporal, um tempo de descoberta que, enquanto tal, é tempo de corte. Até esse momento, a criança brincava de enganar o desejo do Outro e, a partir de certo instante, ela descobre o jogo. A pontualidade que se desencadeia nessa percepção reveladora não admite retorno: a angústia é o sinal desse tempo estrutural que não tem volta (2012, p. 81).

É essencial ressaltar “[...] que, para Freud, a castração é mais do que uma angústia ou do que uma fantasia de separação, ela é um verdadeiro *complexo* e, como tal, tem *valor universal e estruturante*” (ROCHA, 2000, p. 118, grifo do autor). Aqui, ao mencionar o “significante fálico” (VOLNOVICH, 1991, p. 55), o mesmo é indicado enquanto “significante do desejo” (Ibid., p. 55), remetendo à estrutura da criança “[...] em função do desejo dos pais, seus primeiros ‘Outros’ [...]” (Ibid., p. 55). Nessas circunstâncias, “para a criança, toda sua dimensão simbólica estará determinada por uma dialética estabelecida entre ser o falo ou ter o falo, que indica a queda da onipotência materna na estrutura através da castração e a atribuição do poder fálico à Cultura” (Ibid., p. 55-56). Isso significa dizer “[...] que este lugar fálico não só está marcado pelo desejo dos pais, mas também o está em função de como os pais da criança receberam seu lugar na cultura [...] o lugar fálico é essencialmente determinado pela história” (Ibid., p. 56), pela transgeracionalidade.

De acordo com Rocha (2000), Freud (1916) ressalta que “[...] a angústia infantil ou o estado afetivo de ansiedade da criança tem muito pouco a ver com a angústia-real (*Realangst*), ou seja, com a angústia diante de perigos externos” (p. 93, grifo do autor). Na infância, “a angústia [...] se relaciona [...] diretamente com as figuras parentais” (BOLSSON; BENETTI, 2011, p. 559). Refletindo acerca disso, observa-se que, “quando o Outro nada lhe oferece, surgem a angústia da desapareição, o sentimento de inexistência, a queda e o estranhamento do lugar do Outro” (DUNKER, 2017, p. 131). Segundo Flesler, Freud e Lacan referem que “[...] a angústia é sempre angústia de castração” (2012, p. 81), se referindo “[...] a introdução do tempo do corte” (FLESLER, 2012, p. 83). A distinção está relacionada em ter ou ser o falo, pois para Freud a questão está relacionada à “[...] castração no ter [...]” (Ibid., p. 81), sendo que “[...] a ênfase da angústia recai no pai como agente temido da castração no ter” (Ibid., p. 81); já segundo Lacan “[...] a angústia aponta para o ser. Nessa direção, a castração em jogo é a do Outro” (Ibid., p. 81). Na angústia “[...] aparece o sinal no eu” (Ibid., p. 83) e, “[...] apesar de recebida pelo eu, dirige-se, sem dúvida, para o sujeito” (Ibid., p. 83), ou seja, “o ego é o lugar da angústia [...]” (ROCHA, 2000, p. 101), onde primeiramente “[...] ele é a única instância que verdadeiramente sente e percebe a angústia, pois isso nem o Id, nem o Superego fazem ou podem fazer; e, depois, o ego também produz a angústia, na medida em que faz dela uma defesa contra uma situação traumatizante” (Ibid., p. 102). Assim, Conforme Rocha (2000) citando Heidegger (1989),

[...] é só quando assume a dor desses limites que a existência humana se torna autêntica. Sem esta confrontação com a angústia, a existência humana corre o risco de se alienar no anonimato da mediocridade, ou na banalidade do cotidiano,

procurando garantia e segurança, em vez de se entregar ao abandono e ao risco do existir onde se encontra o segredo de uma existência autêntica (p. 18).

Rocha refere que, conforme Kierkegaard, nessa relação do enigma do nada com a angústia, destaca-se que “por trás de toda possibilidade se esconde sempre uma ameaça de insucesso, de fracasso e de morte” (2000, p. 18), então onde existe algo da ordem do possível, existirá ali a angústia, sendo que essa se coloca enquanto “[...] um dos motores essenciais da atividade humana” (ROCHA, 2000, p. 19). Porém, segundo Bauman “os habitantes do mundo líquido-moderno, acostumados a praticar a arte da vida líquido-moderna, tendem a considerar a fuga do problema como uma aposta melhor do que enfrentá-lo” (2008, p. 94-95).

Essa retirada do sujeito se mostra nociva enquanto geradora de patologias no contexto contemporâneo e, segundo Dunker, também para Freud,

[...] a “toxina sexual”, [...] como um *quantum* de libido que, não podendo encontrar seu destino nem em representações substitutivas (ideias obsessivas), nem em objetos do mundo (fobias), nem em uma parte do corpo (conversões histéricas), não sendo também objeto de descarga, transforma-se em angústia, capaz de se apresentar como perturbação da atitude atencional (neurastenia), como ataques de pânico (neurose de angústia) ou como angústia somática (hipocondria) (2017, p. 119, grifo do autor).

Destacam-se aqui os ataques de pânico, no qual Rocha cita que, segundo Freud, “no pânico, o sujeito é invadido por um excesso de angústia que o submerge e paralisa, deixando-o, portanto, desamparado” (2000, p. 67). Nesse momento, os sujeitos “[...] se agarram às sensações corporais sentidas durante o ataque como a uma tentativa de representar a angústia [...]” (ROCHA, 2000, p. 66), ou seja, segundo Rocha (2000) citando Pereira (1997) situa que, “antes de agarrar-se a este aspecto apreensível, corporal do ataque, do que permanecer [...] num vazio pavoroso” (p. 66). O que ocorre é que, nas sensações que surgem nesses momentos, “no sintoma de estar morrendo e de estar se distanciando de si, o sujeito dominado pelo pânico estaria, talvez, tentando desesperadamente ligar, de alguma forma, esta angústia traumatizante do desamparo, que ameaça desmoronar sua organização psíquica” (ROCHA, 2000, p. 67). Conforme Rocha (2000) citando Pereira (1997) refere-se ao “elemento desencadeador da crise [...] relacionado a acontecimentos de separação brutal de seres muito próximos ou de perturbações em situações que até então representavam segurança e proteção para o sujeito” (p. 66).

Os sintomas aparecem ali onde a palavra falta, “sendo o sintoma uma palavra que não pode ser dita, alguma coisa que não consegue atingir seu pleno sentido na linguagem [...]” (VOLNOVICH, 1991, p. 55), ali onde há “a dificuldade de *narrativizar* seu próprio sofrimento, [...] problematizando seus destinos, conecta-se com certos sintomas de linhagem ‘atuativa’”

(DUNKER, 2017, p. 128, grifo do autor). Dentre eles, Dunker destaca “o *cutting* (cortar-se para aliviar a angústia), o *binge* (comer rápida e impulsivamente), a anorexia (recusar comer), a bulimia (comer e vomitar em seguida), a compulsão ao consumo (acumuladores, adictos), quando não afeta diretamente a fala, como no mutismo seletivo” (2017, p.128, grifo do autor). Diante desse contexto destaca-se a importância da transferência psicanalítica, em que há “reedição de pedidos retidos ao longo da história do sujeito em um novo laço de saber e desejo” (Ibid., p. 127-128). Posto que, nesse cenário contemporâneo, há “[...] dificuldade de manter transferências” (Ibid., p. 132), ou seja, no laço social vigente encontra-se dificuldade de se estabelecer transferência nos diversos âmbitos, pois a era digital “[...] nem sempre oferecem as condições de personalidade e singularidade que a transferência requer” (Ibid., p. 128). Visto que a transferência propõe um laço, “quando nos pomos a narrar a história de nossas demandas e compartilhar nossas incertezas, elas se transformam dando ocasião a mudanças em nossa forma de amar e pedir” (Ibid., p. 128).

Diante dessa dificuldade em inaugurar a transferência, é notório que “a vida no condomínio digital cria muros de indiferença baseados na seletividade de oferecimentos, [...] tornando cada vez mais invisível a diferença. Reduzem o tamanho do mundo, o que acaba por aumentar o tamanho do eu” (DUNKER, 2017, p. 126) e isso não é sem danos, pois “a exclusão do outro perturbador, a recusa da diversidade e o *bullying* digital são signos desta patologia da gramática da demanda” (Ibid., p. 126, grifo do autor). Nesse contexto, “surgem crianças para as quais videogames e redes sociais [...]” (Ibid., p. 127) são a “[...] solução para a decepção com o Outro” (Ibid., p. 127), porém, isso não se mostra sem consequências, sendo visível os sintomas decorrentes desse processo contemporâneo, como “apatia, seletividade alimentar, dificuldades de sono, restrição social, obesidade, redução do espectro de interesses [...]” (Ibid., p. 127), bem como a angústia patológica na infância, a qual prejudica potencialmente a vida dos pequenos. Dunker aponta

[...] dois traços estruturais (a) *abulia*, dificuldade de iniciar um ciclo de comportamento, o esforço desproporcional para dar o *primeiro passo*, como levantar pela manhã, sair de casa ou pegar no sono e (b) a *anhedonia*, perda da capacidade de experimentar satisfação, ainda que condições objetivas para isso sejam dadas. Reduz-se o arco de trabalho subjetivo que articula experiência de satisfação e desejo. [...]. Arcos de trabalho subjetivo mais simples, percebidos genericamente como “altamente viciantes”, convidam a criança a “sair do ar”, a “agir sem pensar”, sobrepondo, depressivamente, o que é agradável ao que é desejável (2017, p. 127, grifo do autor).

Essa colocação do que é agradável à frente do desejo, revela que “a depressividade do desejo usualmente se faz acompanhar por efeitos de identificação, idealização e crítica” (DUNKER, 2017, p. 127). No cenário que está posto, “tanto a *depressividade desejante* como

o *déficit narrativo* são efeitos de uma transformação trazida pela vida digital em termos da estrutura do saber. O saber, bem como a autoridade que dele decorre, está sempre disponível e sem descontinuidade” (Ibid., p. 132, grifo do autor). Não havendo mais o “[...] intervalo necessário para que a demanda do Outro seja traduzida para a forma ‘*mas o que ele quer naquilo que ele me pede?*’” (Ibid., p. 132, grifo do autor).

Segundo Dunker, “[...] Beard descrevia o nervosismo moderno com as [...] ideias de aceleração, pressa e falta de tempo [...]” (2017, p. 122). Isso significa que a manifestação de “um excesso de demandas caracterizaria, assim, um apressamento, uma urgência tóxica nas voltas que a demanda dá em torno de um objeto [...] essa demanda, [...] ocorre dentro de um discurso que tem como marca característica um traço temporal: a atualidade” (DUNKER, 2017, p. 122). O que evidencia-se é que “o ponto de retorno da demanda sobre si mesma, o ponto no qual a criança diz ‘*não é isso!*’, não dá início a uma nova série baseada em ‘*eu te peço*’, mas transforma-se em uma atitude, uma posição subjetiva” (Ibid., p. 126, grifo do autor).

Essa atual posição em que as crianças estão remetidas referem que “a intoxicação digital crônica é uma neurose atual [...]” (DUNKER, 2017, p. 143). Diante dessa intoxicação, as “crianças entre zero e dois anos, expostas a *tablets*, desenvolvem uma ligação extrema com a presença do outro, representado pela oferta de imagens atraentes e estimulação auditiva ou sensorial, adaptada às demandas da criança” (Ibid., p. 125, grifo do autor). O autoerotismo no smartphone diz de uma “[...] espécie de chupeta eletrônica [...]” (Ibid., p. 125) que acarreta “[...] prejuízos para a formação do sistema visomotor ou da atenção [...]” (Ibid., p. 125), além de inserir “[...] uma novidade intersubjetiva, a crença de que o outro está sempre disponível” (Ibid., p. 125). Segundo Williges e Sousa, Türcke coloca uma questão ampla sobre a “[...] decifração da mensagem que a crise da atenção em geral nos coloca [...]” (2017, p. 95) especificando ao “[...] particular Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) – um fenômeno que pode ser encontrado em todas as sociedades penetradas pela alta tecnologia e que se propaga de modo crescente entre crianças e jovens [...]” (Ibid., p. 95). Nessa mesma reflexão, Dunker menciona sobre “[...] crianças que sofrem com errância atencional e sentimento de inadequação a contextos sociais regidos pela lei do desempenho narcísico” (2017, p. 129).

[...] A criança convive com a desagradável sensação de que a vida de seus amigos e conhecidos está envolta em um mar de gratificações, estupendas realizações e intermináveis experiências de sucesso. Só aquelas pessoas que ela conhece, real e pessoalmente, são fracassadas e irrelevantes. Jovens que se dedicam laboriosamente aos seus sonhos, enfrentando dificuldades compatíveis, sentem-se exceções lamentáveis em um mundo que se apresenta injustamente difícil para eles. A modificação de impressões e o exagero perspectivo, que só trazem à luz os “melhores momentos” de cada vida, geram uma mistura de decepção e falsa promessa. Isso traz

consigo o inevitável sentimento de atraso, impaciência e inquietude [...] (DUNKER, 2017, p. 130-131).

Essa concepção “[...] de felicidade vinculada a este imperativo de gozo da sociedade de consumo [...]” (CONTE, 2017, p. 269) indica que “as novas subjetividades são convocadas a se fazerem exceção e, ao mesmo tempo, a se fazerem iguais a todo mundo (globalização), o que exige uma posição acrítica, sem responsabilidade [...]” (Ibid., p. 269). Isso acaba por alterar o campo simbólico, que se reduz, pois não há “[...] um verdadeiro interesse que produza movimentos em direção aos laços simbólicos no social” (Ibid., p. 269). Segundo Dias e Freire, Freud (1920-1996) “propõe que a condição de simbolização sustenta-se no movimento de ausência-presença materna. Esta operação psíquica, representada metaforicamente por Freud por intermédio do jogo de carretel (*Fort-da*), remete à intervenção da função paterna na relação mãe-filho, o que permite à criança sustentar um espaço próprio na condição de sujeito de desejo” (2010, p. 232, grifo das autoras).

Freud observou seu neto jogar para fora do berço um carretel atado a uma linha e puxá-lo de volta, dizendo prazerosamente: “aqui” e “lá”. Disso ele intuiu um modelo de simbolização a partir do brincar. Ao agir assim, a criança substitui a mãe ausente pelo carretel presente. Ela inverte a experiência vivida passivamente, com a ausência da mãe, em um fazer ativo jogando e puxando o carretel [...]. Ela substitui a angústia da ausência e da presença excessiva da Coisa materna (DUNKER, 2017, p. 125).

Remetendo à lógica citada acima, no contexto contemporâneo ela se problematiza no sentido tecnológico, pois “a criação de um dispositivo de ocupação total, sempre disponível, [...]” (DUNKER, 2017, p. 125) acaba por consolidar “[...] uma maneira de estar permanentemente com o outro [...]” (Ibid., p. 125), havendo assim a “[...] formação de um consumidor exigente, [...] pensa que o outro, como um mercado, tem o dever de agradá-lo, estando sempre à nossa disposição” (Ibid., p. 125-126). É de suma importância ressaltar que “*tablets* reagem a gestos não a palavras” (Ibid., p. 125, grifo do autor), nesse sentido, assim como “eles pacificam [...] porque fazem a função do carretel que substitui o adulto cuidador, [...]” (Ibid., p. 125) algo de nocivo também aparece pois “[...] elimina o tempo morto, no qual a ausência do outro é o tempo desconfortável, porém criativo, de invenção de seu substituto lúdico” (Ibid., p. 125). Ou seja, “nesse tempo ‘perdido’, aprendemos a nos acalmar, [...] a nos interessar pelo outro” (Ibid., p. 125).

Esse cenário contemporâneo em que o ideal de produtividade se faz presente praticamente a todo instante, se mostra desde os primórdios da existência, ou seja, as crianças desde pequenas estão inseridas nessa lógica prevalente. Nesse sentido, é de grande relevância refletir sobre o tempo ócio, o quão necessário ele torna a ser nesse contexto, no sentido de que

nele o sujeito poderia deixar emergir a falta que é importante como um espaço de desejo e criação do sujeito. Mas, nesse filho ideal projetado pelos pais, percebe-se que a criança de nosso tempo não tem tempo devido a muitas atividades a serem desempenhadas ao longo do dia, sendo assim, muitas vezes são pouco escutadas e, onde a palavra falta, o agir toma conta. No consumismo o objeto aparece como uma tentativa sedutora de tamponar a falta, – que remete à castração – como se isso aplacasse a angústia. Durante todo esse contexto, o que se nota é que o sintoma da criança vem para perturbar a ordem estabelecida, como forma de resistir ao campo social vigente, para que assim ela consiga emergir enquanto sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da psicanálise é essencial pensar acerca do processo de subjetivação dos pequenos na contemporaneidade e suas ressonâncias, pois a infância é seguidamente idealizada como um período narrativo da vida e, a criança, enquanto uma pessoa em que seu compromisso seria com o gozo de viver. Porém, os processos de desenvolvimento, crescimento e constituição psíquica que aparecem nesse período, implicam um exercício que necessita de muita energia por parte da criança para produzir e posicionar seu vir a ser frente ao outro familiar, social e escolar.

O que pode se tornar patológico na contemporaneidade é a angústia frente a esse processo, sendo que ela pode ser pensada como algo bom até certo ponto. Ou seja, quando há uma tentativa de tamponar a falta, havendo assim a falta da falta, isso geraria angústia como um pedido de socorro do sujeito inconsciente, manifestando-se através dos sintomas os resquícios de que ele é faltoso, de que sua estruturação se situa ante a um vazio, a algo perdido. A partir daí o sujeito pode se haver com isso e se reconhecer enquanto um ser faltante, possuindo uma ansiedade dita normal, ou isso se tornar patológico. No primeiro caso, a presença de uma ameaça vem de algo externo, alguma situação que está por vir e acaba por gerar a ansiedade dita normal, o que auxilia na sobrevivência da pessoa; já enquanto patológica, a pessoa não consegue se adaptar pois essa está ligada a uma ameaça interna, que possui intensidades, duração e interfere na vida do sujeito.

Esse percurso nos mostra, a partir do breve estudo sobre angústia, que é de suma importância lembrar que não existe ausência absoluta de mal-estar, então se mostra interessante o deslizamento e reposicionamento dos sintomas frente ao discurso. As crianças, nesse cenário, ficam expostas aos impasses que a cultura e sociedade produz e, mesmo com as legislações que as protegem, percebe-se que por parte delas há uma tentativa de fornecer repostas, seja através dos sintomas ou do apagamento do sujeito na era das relações virtuais. Por isso é de suma importância escutarmos o que os pequenos têm produzido enquanto respostas frente aos ideais contemporâneos.

O trajeto percorrido na pesquisa revela que a cultura digital não precisa ser vista como maléfica e negativa, mas o que se mostra arriscado é pensar que isso está na linguagem e nos objetos, pois na verdade o perigo está justamente ali no que fazemos diante desse cenário contemporâneo que se apresenta, ou seja, como se posicionamos frente a isso. Os extremos, tanto pra mais quanto pra menos, se tornam prejudiciais, sendo essencial encontrar um meio

termo, uma relação com esse mundo virtual em que o sujeito não possua dependência simbólica para com o mesmo. Ou seja, quando o sujeito não se insere neste cenário tecnológico, pode haver uma dimensão de sofrimento por via de certa exclusão por parte dos colegas na escola, por exemplo; ou, por outro lado, quando o eletrônico se mostra em excesso no cotidiano das crianças, também será prejudicial, pois uma dependência, bem com sintomas podem surgir. É interessante que o real que se apresenta encontre maneiras de ser representado ao invés de apenas apresentado ao sujeito.

Destaco aqui que os diversos sintomas apresentados durante o trabalho, – que se mostram como decorrentes das relações contemporâneas – apenas foram elencados a saber, não sendo o objetivo aqui de uma apresentação descritiva dos mesmos, nem com intenção de desenvolver mais sobre cada um dos sintomas mencionados.

Diante de todo o exposto considera-se que não é interessante encontrar uma resposta imediata para todas as questões levantadas (infância contemporânea, angústia, sintomas, entre outras), pois se assim fosse, estaríamos na lógica predominante do imediatismo. É necessário deixar todas as questões para serem refletidas e assim considerar o tempo de elaboração de cada sujeito, o que é importante para romper com o discurso que acaba por marcar, inconscientemente, o sujeito contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOLSSON, Juliana Zinelli; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. As manifestações de angústia e o sintoma na infância: considerações psicanalíticas. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 555-589, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 set. 2019.

CALLIGARIS, Contardo et al. **O laço conjugal**. 2.ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994. 159 p.

CHEMAMA, Roland (org.). **Dicionário de psicanálise**. Tradução por Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995. 242 p.

CONTE, Marta. A adição ao Outro: família, consumo e toxicomanias. *In*: DRÜGG, Angela Maria Schneider; FREIRE, Kenia Spolti; CAMPOS, Iris Fátima Alves (org.). **Escritos da Clínica**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010. p. 267-270.

DIAS, Ana Maria de Souza; FREIRE, Kenia Spolti. O corpo marcado pela palavra. *In*: DRÜGG, Angela Maria Schneider; FREIRE, Kenia Spolti; CAMPOS, Iris Fátima Alves (org.). **Escritos da Clínica**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010. p. 229-233.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Intoxicação digital infantil. *In*: BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta (org.). **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017. p. 117-145. (Coleção psicanálise da criança).

FLESLER, Alba. **A psicanálise de crianças e o lugar dos pais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FREIRE, Kenia Spolti. À procura de um sujeito... *In*: DRÜGG, Angela Maria Schneider; FREIRE, Kenia Spolti; CAMPOS, Iris Fátima Alves (org.). **Escritos da Clínica**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010. p. 249-253.

GUELLER, Adela Stoppel de. Droga de celular! Reflexões psicanalíticas sobre o uso de eletrônicos. *In*: BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta (org.). **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017. p. 63-77. (Coleção psicanálise da criança).

JERUSALINSKY, Julieta. As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. *In*: BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta (org.). **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017. p. 39-55. (Coleção psicanálise da criança).

JERUSALINSKY, Julieta. Que rede nos sustenta no balanço da web? – o sujeito na era das relações virtuais. *In*: BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta (org.). **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017. p. 13-38. (Coleção psicanálise da criança).

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

KEHL, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MEIRA, Ana Marta. O Bebê e os Espelhos Sociais Contemporâneos. *In*: WANDERLEY, Daniele de Brito (org.). **O cravo e a rosa: a psicanálise e a pediatria: um diálogo possível?**. Salvador: Ágalma, 2008. p. 156-170.

MEIRA, Ana Marta. **A cultura do brincar: a infância contemporânea, o brincar e a cultura no espaço da cidade**. 2004. 181 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5120/000421178.pdf?...1>. Acesso em: 09 set. 2019.

ORNELLAS, Larissa. Singularidade e Diferença: como a psicanálise nos convida a pensar na contramão da lógica contemporânea global. *In*: BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta (org.). **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017. p. 166-179. (Coleção psicanálise da criança).

PISETTA, Maria Angélica Augusto de Mello. Considerações sobre as Teorias da Angústia em Freud. **Psicologia Ciência e Profissão**. Petrópolis, v. 28, n. 2, p. 404-417, 2008.

QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ROCHA, Zeferino. **Os destinos da angústia na psicanálise freudiana**. São Paulo: Escuta, 2000. 176 p.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução por Vera Ribeiro; Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 878 p.

SINAY, Sergio. **A sociedade dos filhos órfãos: quando pais e mães abandonam suas responsabilidades**. 2. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2015.

VOLNOVICH, Jorge. Diagnóstico psicanalítico – psicanálise do diagnóstico. *In*: VOLNOVICH, Jorge. Lições introdutórias à psicanálise de crianças. RJ: Relume Dumará, 1991. p. 43-69.

WILLIGES, Flademir Roberto; SOUSA, Edson Luiz André de. A cultura do déficit de atenção. *In*: BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta (org.). **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017. p. 89-116. (Coleção psicanálise da criança).